



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2016v5n1p45-58

PEDRO DE MEDEIROS: VIDA E OBRA DE UM POETA PANTANEIRO

PEDRO DE MEDEIROS: LIFE AND WORK OF A PANTANEIRO POET

PEDRO DE MEDEIROS: VIDA Y OBRA DE UN POETA PANTANEIRO

Ana Cristina Medeiros Rodrigues¹
Dolores Pereira Ribeiro Coutinho³

Deisi Graziela de Lima Martins²
Nataniél Dal Moro⁴

RESUMO

O presente artigo trata da vida e da obra do poeta Corumbaense Pedro de Medeiros, como um resgate do Patrimônio Cultural de Mato Grosso do Sul. Foi utilizado a metodologia bibliográfica, documental e de campo, para abordar as definições de Patrimônio Histórico, Cultura e Memória e principalmente sobre a vida e a obra do artista Pedro de Medeiros, representante do Simbolismo mato-grossense. Neste artigo pretende-se, a partir do conhecimento da obra do poeta e escritor, fomentar a criação de uma identidade

de cultural local, bem como contribuir à preservação de suas obras como Patrimônio Histórico Cultural do nosso Estado.

PALAVRAS-CHAVE

Pedro de Medeiros. Patrimônio Histórico Cultural. Corumbá. Mato Grosso do Sul. Identidade Local.

ABSTRACT

This article deals with the life and work of the poet Corumbaense Pedro de Medeiros, as a ransom for the Cultural Heritage of Mato Grosso do Sul. We used the literature methodology, documentary and field, to address the Heritage settings, Culture and Memory and especially about the life and work of the artist Pedro de Medeiros, representative of Mato Grosso Symbolism. This article is intended, from the poet and writer work of knowledge, foster the creation of a local cul-

tural identity and contribute to the preservation of his works as Cultural Heritage of our state.

KEYWORDS

Pedro de Medeiros. Historical Cultural Heritage. Corumbá. Mato Grosso do Sul. Local identity.

RESUMEN

Este artículo trata de la vida y obra del poeta Corumbaense Pedro de Medeiros, como rescate por el Patrimonio Cultural de Mato Grosso do Sul. Se utilizó la metodología de la literatura, documental y de campo, para hacer frente a los ajustes de Patrimonio, Memoria y Cultura y en especial sobre la vida y obra del artista Pedro de Medeiros, representante de Mato Grosso del Simbolismo. Este artículo se destina, desde el poeta y escritor de trabajo del conocimiento, fomentar la creación de una identidad cultural local

y contribuir a la preservación de sus obras como patrimonio cultural de nuestro estado.

PALABRAS CLAVE

Pedro de Medeiros. Patrimonio Histórico Cultural. Corumbá. Mato Grosso do Sul. Identidad local.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo intenta recuperar aspectos da vida e da obra do poeta sul-mato-grossense Pedro de Medeiros. Ademais, visamos preservar parte dos seus registros como Patrimônio Histórico Cultural de Mato Grosso do Sul-Brasil, Unidade Federativa criada em fins dos anos 1970, que abriga em seu território considerável parcela de um rico ecossistema, o Pantanal. Concede-se particular destaque às poesias, peças teatrais e músicas, considerando-as como patrimônios culturais intocáveis, que podem ser descritos e pensados como cultura residual, pois formadas “no passado, mas ainda” ativas “no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente” (WILLIAMS, 1979, p. 125).

O objetivo mais amplo deste trabalho consiste em demonstrar que Pedro Medeiros pode ser considerado um representante do Patrimônio Cultural de Corumbá e, inclusive, de Mato Grosso do Sul. Sua vida e obra revelam muito das tradições pantaneiras, dos movimentos que ocorriam na cidade de Corumbá-MS entre as décadas 1920 e 1940. Ao mesmo passo, possibilitam a construção de um referencial de identidade e de memória da sociedade Corumbaense dessa época e, por que não dizer, da sociedade sul-mato-grossense da contemporaneidade.

Para tanto, faz-se relevante apresentar um breve estudo sobre a importância da preservação do patrimônio cultural, explanando mais especificamente a problemática da preservação (ou da ausência) da memória em Mato Grosso do Sul, além de tecer apontamentos sobre o patrimônio imaterial do Estado. Além disso, propomos algumas definições acerca do tema e fazemos uma reflexão sobre as problemáticas da memória e da cultura, valendo-nos primordialmente de aportes teóricos e registros documentais que pensamos adequados ao objeto de estudo deste trabalho.

A metodologia utilizada privilegiou a pesquisa bibliográfica, intentando levantar questões referentes às definições de patrimônio, memória e cultura, além de análise documental e de campo para coletar informações sobre a vida e a obra de Pedro de Medeiros, que realizamos por meio de entrevistas com familiares, cujas informações foram cotejadas com documentos e jornais dessa época, alguns dispostos em coletâneas.

Por fim, procuramos revelar quem foi Pedro de Medeiros, qual foi sua contribuição literária, tarefa que pensamos realizar por meio da valorização de sua expressiva obra no cenário Corumbaense e, também, no de Mato Grosso do Sul, criando assim, a partir deste artigo, elementos textuais que podem subsidiar possíveis reflexões sobre a identidade local, que entendemos pode ser feita no presente quando passamos a preservar as obras e outros registros do passado como Patrimônio Histórico Cultural na exata medida em que fragmentos do outrora podem ser pensados como elementos constitutivos e presentes do Estado e de sua sociedade.

2 A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Patrimônio é o conjunto de bens tangíveis e intangíveis que, por seu valor próprio, são considerados de grande interesse para a perpetuação da identidade cultural de determinada população situada em um mesmo espaço geográfico. É tudo aquilo que pertence à população e à sociedade; sua herança deixada pelos antepassados e que pode ou deve ser preservada, cuidada e, principalmente, transmitido para as novas gerações. O Patrimônio pode ser classificado em dois grupos: patrimônio cultural tangível, ou material, no qual estão representados por monumentos, casas, igrejas, castelos, palácios, esculturas, artesanatos,

praças, e demais bens que tenham valor para a história. O segundo grupo é o patrimônio cultural intangível ou bens imóveis, o qual reúne músicas, linguagem, pinturas, costumes, literatura, folclore, entre outros.

A Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 216, estabelece e define claramente o que é considerado como Patrimônio, incluindo as seguintes classificações: material e imaterial. Segundo a respectiva legislação,

[...] constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988, [on-line]).

Estabelece ainda nos incisos 1º a 5º que tanto o poder público como a sociedade devem apoiar, preservar e proteger o patrimônio cultural no Brasil, incentivando assim a permanência da cultura e identidade do País pela preservação dos mesmos.

§ 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem (Cf. Lei n. 12.527, de 2011).

§ 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 1988, [on-line]).

Mesmo tendo a Constituição Federal (BRASIL, 1988) como lei suprema que, em princípio, protege e ampara a permanência e a preservação do patrimônio público no Brasil, não raro pode-se constatar que os referidos preceitos legais são desrespeitados com muita frequência neste País. Infelizmente, de um modo geral não faz parte da cultura da população brasileira fazer uso, conhecer, preservar e zelar pelo patrimônio cultural que possuímos.

Visitar, conhecer a história e refletir sobre os múltiplos significados são, em geral, atividades restritas a poucos indivíduos ou segmentos sociais, por vezes denominados de elites culturais. Há que se considerar, também, que somos deficientes ou ineficazes em políticas que visam transmitir e conscientizar as novas gerações sobre a importância da preservação do patrimônio cultural e as potencialidades que os bens culturais podem promover em âmbito local, desenvolvendo de forma endógena os territórios e, construindo relações sociais mais justas na sociedade.

Um caminho possível para efetivar tal política poderia ser trilhado se hábitos de vista fossem criados e pesquisas passassem a ser realizadas em espaços que comportam ou expressam em si aspectos relevantes da cultura regional e local, ação pela qual os cidadãos passariam a ter mais conhecimento da identidade cultural da nação ou do local em que residem ou visitam. Por vezes, nem a própria administração pública do Brasil tem zelado de maneira adequada pela preservação do patrimônio, fato que sinaliza flagrante desrespeito à Carta Magna no que estabelece que, o poder público deveria ser o primeiro a realizar efetiva defesa do patrimônio, pois os bens móveis do Brasil, em sua maioria, encontram-se em estado de má conservação, inadequado estado de preservação e utilização aquém da desejável.

Seria fundamental à sociedade e ao Brasil a preservação em caráter preventivo de nosso patrimônio, para assim manter em ordem e em boas condições os bens de valor cultural. Cabe ainda ao poder público a

tarefa de conscientizar os cidadãos, fomentando práticas, divulgando ações e atraindo a população para os patrimônios culturais, já que muitas vezes a sociedade desconhece os patrimônios pertencentes à sua região. Prova disso são os patrimônios culturais que temos na cidade de Campo Grande-MS, e que a maioria dos moradores nunca visitou ou nem mesmo é ciente de sua existência.

Além de possíveis orientações, claro que sempre ancoradas nas vias legais, deve-se também encontrar meios de educar eficazmente a população que “denigre” a estrutura de nossos bens, às vezes realizando atos descritos como pichações e depredando monumentos, característica de “vândalos”. Inaugurado nos anos 1930, o obelisco, que está localizado na avenida Afonso Pena, principal artéria veicular da cidade de Campo Grande, é um exemplo dos mais emblemáticos deste triste cenário de constantes pichações.

Figura 1 – Obelisco



Fonte: Oliveira (2014).

As escolas de nosso País, de forma global, deveriam também ter um papel fundamental na divulgação, estímulo, conscientização e educação patrimonial das

crianças e jovens para que as mesmas crescessem com conhecimento e aptas a entender o que e como é nosso patrimônio, além de poderem aquilatar o valor e a representatividade do patrimônio à nossa nação. Entender a cultura, identidade local e as origens é uma tarefa necessária e indispensável para a preservação da identidade cultural. Conhecer os espaços expositivos, como museus, feiras de artesanatos, entre outros bens; realizar passeios, incentivar reflexões sobre as obras de artes, executar práticas que passam necessariamente por estimulação das crianças e dos jovens, despertando-lhes o interesse de descobrir e conhecer as tradições de determinada região.

Na atualidade, preservar e cuidar do Patrimônio Cultural tornou-se uma tarefa que se mostra cada vez mais difícil para a sociedade, principalmente se o modelo a ser seguido prima pelos padrões clássicos de preservação e cuidado. Em diálogo textual com Maurice Halbwachs, esclarecedoras podem ser as palavras de Ecléa Bosí (2001, p. 55), que afirma: “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. Considerando esta reflexão, talvez seja o caso de pontuar que o Presente de muitos sujeitos guarda poucas, insignificantes ou invisíveis relações com o Passado oficialmente exposto, cultuado em instituições da contemporaneidade e que por isso as têm em baixo relevo.

A expansão das cidades, o avanço do segmento imobiliário, os impactos ambientais, entre outros aspectos, são fatores que dificultaram o trabalho de gestores do poder público, que nem sempre conseguem conciliar o desenvolvimento eminente com a diminuição de impactos sociais e ambientais. É comum encontrarmos nas cidades do Brasil a degradação de bens de valor artístico e cultural, tanto de propriedade particular com também pública, que muitas vezes cedem lugar para outras edificações.

Sendo assim, torna-se necessário uma maior conscientização da sociedade para o interesse, cuidado,

preservação e conhecimento do patrimônio cultural que se encontra à disposição da sociedade no Brasil. Para tal, é necessário que haja mudança na cultura da população, ou seja, é necessário que a sociedade inclua em seus hábitos e em seus costumes o interesse em conhecer e preservar esse legado proveniente de várias gerações, que resultou em patrimônio. Somente após efetivas e contínuas atividades de educação é que a sociedade compreenderá que as obras pertencem ao povo e, por isso, devem ser preservadas e mantidas em sua essência, o que implica cuidar e usufruir no presente de forma a preservá-la, também, às outras gerações.

A cultura, hábitos e costumes, pode ser entendida como “todo um modo de vida” (WILLIAMS, 1979, p. 19) de determinada sociedade e de acordo com estudiosos, existe desde a época dos primatas. As Ciências Sociais têm papel fundamental nessas reflexões, pois possuem como objetivo principal o estudo do Homem, da Humanidade e suas origens, em todas as dimensões. Ou seja:

A antropologia é comumente definida como o estudo do homem e de seus trabalhos. Assim definida, deverá incluir algumas das ciências naturais e todas as ciências sociais; mas, por uma espécie de acordo tácito, os antropólogos tornaram como campos principais o estudo das origens do homem, a classificação de suas variedades e a investigação da vida dos chamados povos primitivos. (LINTON APUD MELLO, 1986, p. 18).

Desse modo, alguns antropólogos e sociólogos têm se dedicado com afinco para identificar as origens da cultura, como e onde surgiu. Com o objetivo de identificar e entender as diferentes formas das pessoas se relacionarem umas com as outras, da maneira como se comunicam, dos vários tipos de hábitos e costumes que são criados por determinada sociedade, e isso envolve culinária, linguagem, crenças, entre outros aspectos que tornam um grupo de pessoas com uma cultura específica.

Estudos apontam que os primeiros indícios da cultura surgiram com nossos primatas, quando os seres

humanos foram se separando dos demais primatas (animais). A partir dessas mudanças foram sendo criadas novas características da espécie humana, novos comportamentos, percepções e sensibilidades, gerando assim novos hábitos e costumes que foram se aprimorando com o passar dos tempos até chegar aos dias de hoje. Cristina Costa (2010, p. 10) afirma que “essas transformações implicaram o abandono do que chamamos de “estado de natureza”, no qual o homem integrava-se ao ambiente natural e agia guiado por seus instintos e pelo conhecimento genético herdado dos antepassados”.

Ao pronunciar ou ouvir a expressão da palavra cultura, as pessoas interpretam seu significado de diferentes formas, costumam afirmar que tem cultura a pessoa que possui conhecimento em determinado assunto, quem ocupa uma posição social reconhecidamente mais elevada, ou ainda que tenha um poder aquisitivo melhor. Porém, aos olhos da Sociologia a palavra cultura comporta outro significado. Em linhas gerais, é o que resalta a criação humana, isto é costumes, tradições, crenças, valores e princípios que são adquiridos por meio do convívio social.

Autores afirmam que cultura é a acumulação de conhecimentos, de experiências vividas em uma determinada sociedade, na qual por meio dos costumes e tradições ela se forma (LUHAN, 1968; COELHO, 2010; HERZ, 1987). Sintetizando, podemos dizer que

[...] a cultura é um processo cumulativo de conhecimentos e práticas resultantes das interações, conscientes e inconscientes, materiais e não materiais, entre o homem e o mundo, a que corresponde uma língua; é um processo de transmissão pelo homem, de gerações em gerações, das realizações, produções e manifestações, que ele efetua no meio ambiente e na sociedade, por meio de linguagens, história e educação, que formam e modificam sua psicologia e suas relações com o mundo. (NARDI, 2002, p. 4).

Com a “descoberta” do Brasil, por vezes também referida como a chegada do “homem branco” neste território, que depois passaram a ser entendidas como

miscigenação de raças e diversidade cultural, tornaram-se ainda mais intensas. Mesmo em uma sociedade dita globalizada, que aparentemente tem buscado ou se feito retratar como uma sociedade homogênea, os aspectos culturais do Brasil continuam presentes. Temos uma grande miscigenação na culinária, nas danças, carnaval, no sotaque, na linguagem e em tantos outros aspectos que se caracterizam pelas regiões de nosso País, criando assim uma identidade única de cada região, ou seja, de várias etnias, como o tere-ré¹, bastante nítido em Mato Grosso do Sul, que é um costume característico deste Estado, ou o chimarrão, característico do Rio Grande do Sul, mas que não se restringe ao Estado gaúcho.

Para que a cultura seja preservada em todos os seus aspectos, ou pelo menos na maior parte destas, faz-se necessário que a Humanidade cultue suas lembranças, buscando documentar e registrar as recordações passadas para que no presente, ou até mesmo no futuro, possam ter assegurada a sua própria existência. Essa preservação é realizada por meio da conservação da memória. Desse modo, a memória torna-se uma garantia da identidade humana.

Os dicionários apresentam que o significado da palavra memória nada mais é do que lembranças, recordações de pessoas ou momentos vividos ou presenciados pelas pessoas. Segundo Japiassú e Marcondes (1996, p. 178), “a memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente”.

Essa afirmação torna-se bastante evidente quando comemos ou sentimos o cheiro de comidas e coisas que usufruíamos quando ainda éramos criança, pois nos vêm na memória uma recordação do passado vivenciado. Isso nos remete aos dados armazenados em nossa memória, que, ao serem revividos, vêm à tona.

1. Bebida tradicional e popular do Paraguai e típica em Mato Grosso do Sul. O tere-ré utiliza erva-mate torrada e água gelada, podendo ainda ser consumido com limão, hortelã etc.

Desse mesmo modo, existem também lembranças e recordações de lugares, como férias que marcaram uma fase da infância ou da vida das pessoas.

A memória é também o que constitui o fator da identificação humana, nomeadamente por meio das tradições e costumes, ou seja, a cultura. Pois, é pela via da memória que conseguimos identificar o que nos diferencia e também nos identifica dos demais sujeitos, sociedades e tempos históricos.

De acordo com Wehling e Wehling (2003), a memória tem finalidades nas quais se encontram a conexão entre a memória e a identidade cultural. Nas suas palavras:

A memória do grupo sendo a marca ou sinal de sua cultura, possui algumas evidências bastante concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade. (WEHLING; WEHLING, 2003, p. 13).

Nessa linha de reflexão, a memória é um elemento primordial para a manutenção e preservação da identidade e cultura de uma nação, região, território ou segmento étnico-cultural. Pois, por ela torna-se possível distinguir os valores e crenças, hábitos e costumes de um povo, pensado aqui no seu sentido mais amplo e múltiplo. Portanto, a história de um povo, sua cultura e seus traços são registradas pela memória escrita, memória oral e, também, nos “lugares de memória” (NORA, 1993), como os monumentos, estátuas, prédios, museus, entre outros bens materiais, que registram e retratam a identidade e a cultura, às vezes mencionada no plural – culturas, que inclui a memória coletiva e a identidade de um povo.

Também é por meio da memória coletiva que podemos caracterizar a identidade social, que é local. Desse modo, é necessário preservar a memória coletiva para preservar a identidade de um povo. Essa preservação não implica que a sociedade em si não se desenvolva, ou passe a “cultural” o passado, venerando-o e abstando-se de criticá-lo, mas sim, conserva

seus pilares, sustentando sua história e dando base para seu desenvolvimento, sem perder ou desconhecer seus valores e princípios, hábitos e costumes.

Portanto, a memória não se remete ao esquecimento. Uma de suas características é que ao ser refrescada constantemente, sendo grafada, narrada, ou se tornando fonte histórica, passa-se a utilizar a memória social como um dos meios fundamentais quando o intuito é o de abordar os problemas do tempo e da história (LE GOFF, 1996, p. 426).

Diante do todo exposto, traremos à tona a pessoa de Pedro de Medeiros, já que muitos sul-mato-grossenses não sabem das suas realizações, trabalhos e atividades, que pensamos úteis à identidade de Mato Grosso do Sul. Deste modo, faremos a seguir uma explanação da vida e da obra deste ilustre poeta pantaneiro, que muito já foi estudado nas escolas da cidade de Corumbá e tem seu nome ligado ao Simbolismo no Brasil, escreveu a poesia mais famosa sobre a Cidade Branca (Lenda Boróro), que empresta seu nome a escolas, ruas e teatros e que, infelizmente, ainda é um “ilustre desconhecido” entre muitos de nós.

3 VIDA E OBRA DE PEDRO MEDEIROS

Com base em relatos de familiares e documentos que conseguimos coletar, levantamos dados sobre a vida do pantaneiro Pedro de Medeiros, de sua infância, juventude, família e até a sua morte, ocorridas na cidade de Corumbá. Sua produção é de inestimável valor à cultura e à literatura sul-mato-grossense.

A seguir, buscaremos recuperar quem foi Pedro de Medeiros, qual foi sua contribuição literária, para com isso valorizar a sua obra no cenário, não só Corumbaense, mas em todo o Mato Grosso do Sul, para que se crie, a partir deste artigo, uma identidade cultural local, possivelmente, preservando suas obras como Patrimônio Histórico Cultural de nosso Estado.

3.1 PEDRO DE MEDEIROS

O poeta corumbaense Pedro de Medeiros, mais conhecido como Pedro Medeiros, nascido a 25 de novembro de 1891, Pedro Paulo de Medeiros Júnior, é primogênito do coronel, ex-prefeito de Corumbá, Pedro Paulo de Medeiros e D. Maria Santa Cruz de Medeiros. Cursou apenas o primário no Colégio Salesiano de Santa Teresa, de Corumbá, abandonando os estudos aos 14 anos, apesar de seu pai ter proporcionado, não somente a ele, mas também aos seus 9 irmãos, todos os meios para que se instruissem.

Figura 2 – Irmãos de Pedro de Medeiros, da esquerda para a direita: Henrique, Ivan, Francisco e Carlito



Fonte: Arquivo... ([19--]).

Aos 19 anos, esbanjava saúde e alegria, gostava de música e poesia, evidenciando uma inteligência privilegiada, que o tornaria figura querida na sociedade corumbaense. Fazia-se presente em muitas festas particulares e oficiais, nas quais demonstrava sua capacidade de animar e improvisar, sendo que fazia serenatas às suas divas em cima de uma carroça musical, equilibrando um piano, pela cidade. Casou-se em 10 de outubro de 1917, com 26 anos, com a D. Elvira Calderon de Medeiros, com quem teve 7 filhos, Henriqueta, Pedro, Djalma, Alma Rúbia, Wanda, Hugo e Ada.

Autodidata, fazia jornalismo sem formalismo, passando em 1919 a escrever em um jornal matutino da cidade de Corumbá, *A Cidade*. Escrevia crônicas, poesias, peças teatrais, músicas, chegando até a fundar o seu próprio jornal, *Alma da Rua*. Ingressou no Ministério da Fazenda, ainda jovem, mediante concurso, tendo trabalhado em Cuiabá, Rio de Janeiro e Corumbá, onde permaneceu durante a maior parte de sua vida.

Quando estava em Porto Esperança, distrito sito a 70km de Corumbá, próximo ao Forte Coimbra, em suas funções fazendárias, por volta de 1928, houve uma grande enchente do rio Paraguai, onde figurou que, deste distrito só restaram alguns vestígios de construções, dentre eles, um sobrado de madeira, onde Pedro se manteve firme no seu posto. Esse

fato tornou-se uma lenda urbana, passando a ser contada por muitos na cidade.

Desgostoso com a profissão, foi afastado do cargo por força de um inquérito burocrático e veio a Campo Grande. Montou um bar e restaurante, onde hoje está localizado o Edifício Nakao (Rua Quatorze de Julho, esquina com a Dom Aquino) e por fim, quando o inquérito foi arquivado, voltou ao seu antigo cargo em Corumbá. De 1931 a 1941 colaborou assiduamente na revista campo-grandense *Folha da Serra*, porém, os sintomas da doença que o vitimaria, começam a dar fortes sinais fazendo com que se recolhesse e pausasse suas obras. Ficou em Campo Grande na casa de seu irmão Ivan, na Rua 26 de Agosto, a fim de buscar melhoras para sua saúde, mas que à época já dava sinais de evidente progresso, causando-lhe olheiras profundas, palidez e desânimo.

Figura 3 - Edifício Nakao



Fonte: Campo Grande (2015).

Voltou à sua cidade natal, descrente de conseguir melhoras, para lá aguardar seu fim. Quase dois anos depois, após lutar bravamente contra a enfermidade, o corpo robusto sucumbiu à doença em 12 de abril de 1943, quando faleceu devido às complicações cardíacas. Sua morte teve grande repercussão em todo Estado, tendo a imprensa local feito uma grande homenagem, destacando o grande homem de letras que Corumbá e o Estado, à época ainda Estado de Mato Grosso uno, acabavam de perder.

Pedro Medeiros parecia não se assustar com a possibilidade de morrer. Em seus últimos momentos escreveu o poema *Inquietude*, o qual tivemos acesso quando consultamos o arquivo de seus familiares (ARQUIVO..., [19--]). Quase que antevendo o seu fim em tempo próximo àquele, escreveu:

Poema *Inquietude* – Pedro Medeiros

“Virás um dia...Sei quando?
Talvez para a despedida!
E nos veremos chorando,
do contraste num transporte:
-tu subiras para a Vida,
eu descerei para a Morte!...”

Tua Alvorada: Bonança!
Meu acaso: Iniquidade!
Irás rumo da Esperança
e eu, rumo da Saudade!

Virás um dia...Sei quando?
Talvez para a despedida!
E nos veremos chorando,
do contraste num transporte:
-tu subiras para a Vida,
eu descerei para a Morte!”

Com a exposição biográfica de Pedro Medeiros e sua trajetória na cidade de Corumbá, passaremos agora a tratar de sua obra, suas produções literárias, hoje reunidas no material *Poesias-Crônicas-Comentários*, Corumbá, Mato Grosso, de 1967, impresso para a comemoração da data histórica da cidade, pela Semana da Retomada, como uma homenagem de seu filho Djalma de Medeiros (MEDEIROS, [19--]).

3.2 A OBRA DE PEDRO DE MEDEIROS

Tendo como referência sua produção, pode-se afirmar que Pedro de Medeiros destacou-se especialmente como poeta, já que era autor de poesias. Mas se consideramos Medeiros em uma perspectiva mais ampla, o que nos parece mais justo, é possível defini-lo também como um “artista nato”, uma vez que foi cronista, músico e teatrólogo. Escreveu diversos poemas, alguns dedicados a fatos importantes da Cidade Branca (Cognome de Corumbá) inspiradora, às belezas de sua terra e da grandeza de sua gente.

Do lirismo de *Camalotes*, do romantismo de *Se eu pudesse voltar...*, do sentimentalismo de *Súplica do Menino Pobre*, do bucolismo de *No Pantanal*, da introspecção do *Kumel*, *Inquietude*, da homenagem à histórica retomada de Corumbá *13 de Junho* e da genialidade de *Lenda Boróro*, sua obra mais importante, que o situou entre os maiores poetas de nosso Estado.

Representante do Simbolismo, movimento aproxima poesia e música, Pedro Medeiros é considerado o maior simbolista de nosso Estado, podendo também dizer de Mato Grosso quando uno. Pedro Medeiros escreveu a poesia com o sentimento puro do povo, sofrendo a influência da poética carioca, também simbolista de Mário Pederneiras. Suas obras sempre eram acompanhadas de dedicatórias às pessoas ou coisas.

O Simbolismo é uma corrente literária, de transição entre o Parnasianismo e o Modernismo, baseada em símbolos, que surgiu na França, no final do século XIX e chegou ao Brasil no início do ano de 1893, vigorando até o Movimento Modernista da década de 1920. Suas principais características são o subjetivismo – voltado para o “eu”, o inconsciente; a musicalidade – sua principal característica, com repetição de fonemas; e o transcendentalismo – ênfase no imaginário e na fantasia. Como maiores artistas que se destacaram no cenário brasileiro temos, Augusto dos Anjos, Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimarães e o já mencionado Mário Pederneiras.

No poema mais conhecido, *Lenda Bororo* (ARQUIVO..., [19--]), no qual o autor descreveu sua terra natal com muita propriedade, e que outrora versava como estudo obrigatório nas escolas de Corumbá, é que a seguir transcrevemos:

Poema Lenda Bororo – Pedro Medeiros

Deus atirou no espaço um punhado de estrelas
Uma chegou à terra. Outras tardam ainda.
A que desceu, por certo a mais luzente delas
Veio e se transformou numa cidade linda!

Desceu, porque do alto o Paraguai parece
neste ponto uma jóia: escreve em prata um S
que a estrela imaginara um prendedor ideal.
Ligando à serra o imenso pantanal.
Como a muita estrela o céu azul não haste,
Caiu, como um brilhante, à procura de engaste!

E Corumbá surgiu, por sobre a terra branca,
Na alegria sem par do gentil casario
Entre o verde dos montes, - no alto da barranca,
Debruçada a sorrir para o espelho do rio...

Várias crônicas foram publicadas sob o título genérico de *Às vezes...*, quando o autor Pedro Medeiros colaborava assiduamente no jornal *Tribuna*, de Corumbá. Estas obras estão compiladas no livro de seu filho, Djalma de Medeiros (1967), que relatou fatos acontecidos ou sobre as pessoas da cidade nessa época.

Nos anos 1930, escreveu a peça *Cidade Branca*, com três atos e 17 quadros, que, com ajuda de amigos, foi interpretada por moças e rapazes da sociedade, retratando os aspectos da cidade de Corumbá, sua gente, suas coisas e suas aspirações, sendo encenada no anfiteatro da Sociedade Italiana, lotado, recebendo calorosos aplausos e diversos elogios dos jornais da cidade. Em 1940 participou da fundação da Rádio Difusora Matogrossense, a Z.Y.A.-2, que também colaborava, escrevendo diariamente, o *Comentário do Dia*, mas se afastou para tratar de assuntos de interesse particular.

Hoje, a memória de Pedro Medeiros é lembrada em diversos locais de nosso Estado, o que não deixa de

se referir a uma forma de reconhecimento oficial da sociedade para com os seus feitos e trabalhos, como ocorre no Centro de Convenções Arquiteto Rubens Gil de Camillo, localizado no Parque dos Poderes, sede do Poder Executivo na cidade de Campo Grande, onde existe um Auditório a ele dedicado.

Figura 4 – Auditório Pedro de Medeiros



Fonte: Rodrigues (2014).

Ademais, seu nome figura em via pública – Rua Pedro Medeiros, no Bairro Vila sobrinho, em Campo Grande/MS e Rua Pedro de Medeiros, no bairro Popular Velha, em Corumbá/MS – e também consta em escola de Corumbá: Escola Municipal Pedro Paulo de Medeiros, localizada na rua América, no centro da cidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedro de Medeiros nasceu e viveu muitos anos em Corumbá, cidade que hoje faz parte do Estado de Mato Grosso do Sul. Sua produção expressa amor pela música e por poesia. Apesar da insistência de seus pais,

não completou os estudos, que abandonou aos 14 anos. Por meio de sua habilidade, mesmo não tendo formação, atuou como jornalista, escrevendo em um dos veículos de comunicação da cidade de Corumbá. Posteriormente fundou o seu próprio jornal, conhecido por *Alma da Rua*. Apesar do gosto pelo jornalismo, ainda jovem, foi aprovado em concurso, quando passou a atuar no Ministério da Fazenda, atividade que não o impediu de escrever e divulgar sua produção.

Somente no início de sua enfermidade, quando sentia muitas dores, o então conhecido Pedro Medeiros recolheu-se e parou momentaneamente de escrever. O sofrimento de sua doença, que acabou por tolher sua existência, durou cerca de dois anos, quando no dia 12 de abril de 1943, Pedro Medeiros faleceu. Seu passamento resultou em grande repercussão em todo o Estado, tendo recebido homenagens da imprensa local. Ao que tudo indica, o poeta e artista não tinha medo de morrer, e escreveu em seus últimos momentos o poema *Inquietude*.

Apesar de todas as obras que escreveu, entre elas poesias, crônicas, músicas e teatros, que ajudam a manter sua existência, Pedro de Medeiros também empresta seu nome a diversos locais públicos do Estado de Mato Grosso do Sul, que pensamos podem ser lidas como uma forma de homenagem ao homem que foi. Contudo, talvez não seja inadequado pontuar que Medeiros ainda é, ou se tornou, um nome pouco conhecido à memória deste presente.

Observa-se que a preservação e a manutenção do Patrimônio Cultural no Brasil, em particular em Mato Grosso do Sul, possui ainda uma longa trajetória a percorrer. Para que haja a preservação do patrimônio, principalmente dos bens imateriais, é necessário que exista o registro na memória, pois somente assim, ou sobretudo por meio deste recurso, a identidade e a cultura de uma nação podem ser mantidas de forma mais apurada. Pensamos que a produção de Pedro de Medeiros, poeta e artista pantaneiro, é um exemplo concreto de Patrimônio Cultural da sociedade sul-ma-

to-grossense, e que cabe a este agora lembrar, manter e problematizar suas reflexões como componente da identidade local.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO pessoal de Djalma de Medeiros. [19--].

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 9.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRASIL (União). **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 14 out. 2014.

CAMPO Grande (Município). Disponível em: <http://www.pmcg.ms.gov.br/egov/cgnoticias/galeria/20140724121803_0365.jpg>. Acesso em: 10 jul. 2015.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: questões da atualidade. São Paulo: Moderna, 2010.

HERZ, Daniel. **A história secreta da rede globo**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4.ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

LUHAN, Marshall Mc. **Pour comprendre les média**. Paris: Seuil, 1968.

MEDEIROS, Ana Cristina de. **Auditório Pedro de Medeiros**. Campo Grande, set-out. 2015. Diversas

fotografias. Fotos apresentadas no Projeto: Pedro de Medeiros: Vida e Obra de um Poeta Pantaneiro.

MEDEIROS, Djalma de. Poesias-Crônicas-Comentários. In: Arquivo **pessoal de Djalma de Medeiros**. [19--].

NARDI, Jean Baptiste. **Cultura, identidade e língua nacional no Brasil**: uma utopia? Arapiraca-AL: Caderno de Estudos da FUNESA, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, EDUC, São Paulo, n.10, dez. 1993. p.7-28.

OLIVEIRA, Viviane. **Depois de mutirão da pintura, obelisco é novamente pichado**. Disponível em:

<<http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/depois-de-mutirao-da-pintura-obelisco-e-novamente-pichado>>. Acesso em: 7 fev. 2014.

RODRIGUES, Ana Cristina Medeiros. **Auditório Pedro de Medeiros**, Campo Grande, 2014. 1 fotografia. Foto apresentada em exposição de um trabalho no Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José. **As estratégias da memória social**. Rio de Janeiro: Atlântida, ano 1, n. 1, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Recebido em: 12 de agosto de 2015
Avaliado em: 17 de março de 2016
Aceito em: 18 de março de 2016

1. Especialista em Direito/UCDB. Professora na Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: cristinamedeiros34@hotmail.com
2. Mestranda em Desenvolvimento Local/UCDB. Bolsista CAPES. Professora na Universidade Anhanguera-Uniderp. E-mail: prof.tutora.deisi@gmail.com
3. Doutora em Sociologia – PUC-SP. Professora no Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: doloresribeiro@uol.com.br
4. Pós-Doutor em História – UNL. Professor Visitante (CAPES) no Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: natanieldalmoro@bol.com.br